

27-10-2020

A CAMUFLAGEM DE HEITOR**Valdir Specian**

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Qual a escala de sua Mudança Climática Global?

Se eu fizesse essa pergunta para diversas pessoas, provavelmente receberia como resposta - “como assim?” - e, continuando, a pessoa responderia: é a “mudança do Clima no Planeta”, e acrescentaria: “olha esse calor que temos agora”. Os mais atentos logo responderiam: “Global, escala Global como já está implícito!” Em se tratando do tema/pergunta apresentado temos uma externalização do problema - o distanciamento entre causa e efeito.

A mídia trata de abordar os efeitos distantes no tempo e no espaço. Aos sujeitos é imputada a responsabilidade de ter provocado aquela externalidade. Ao ligar o seu carro você diminui as chances de vida das futuras gerações!

E no vídeo seguinte - na mesma emissora de TV - vem a longa e bem trabalhada propaganda: “*Sinta o Efeito Yaris. Energia que Contagia a Cidade - 50% Elétrico, 100% Híbrido*” (e os outros 50%?). O preço médio do veículo é de R\$70.000,00.... Logo, a imensa maioria dos brasileiros não poderá fazer nada para salvar o planeta!

Vão continuar poluindo com os seus pés de bode!

Lanço outra pergunta - mas não me estenderei nas possíveis respostas! O que contribui para a degradação global é o tipo de consumo (elétrico ou movido a combustíveis fósseis) ou a quantidade de consumo? O capital sobrevive no marketing do consumo / não importa qual - o planeta se degrada no mesmo ritmo em que se consome natureza (retirando matéria prima) e completando o ciclo - na geração de montanhas de lixo. Ao trabalhador culpado pela mudança global lhe resta a depressão de ver o valão de esgoto e de nada contribuir com a solução global.

Quando somos forçados a olhar o distante - ficamos míopes para ver aquilo que está próximo. A degradação tem uma outra escala, aquela ligada à vida cotidiana do sujeito.

Se revela na falta d'água nos bairros pobres nas periferias das cidades. A água sempre acaba nas periferias. O lixo não pode ser coletado nos morros e/ou nas ruas estreitas de muitos bairros - o caminhão coletor não consegue manobrar! Sobra o lixo que é lançado nos pequenos cursos que nascem nas serras e que, nas chuvas, fazem inundar a parte baixa das cidades; contribui para os deslizamentos e é carregado até se depositar nas baías e lagos...

Esse lixo que vem dos Morros! O lugar para depositar o lixo/restos da reforma da casa do condomínio - não é na porta de outro condomínio - será na via de acesso aos bairros - nesta escala, sabemos quem produz o lixo e degrada e quem recebe os efeitos! Marcelo Lopes de Souza chama isso de injustiça ambiental (Souza, 2019).

Margareth Thatcher - Primeira-Ministra da Inglaterra entre 1970/1990 é reconhecida como a primeira chefe de Estado a alertar sobre as Mudanças Globais no Clima - construíram uma narrativa errônea!

Ela estava preocupada com outras questões, sobretudo ganhar a queda de braço política/econômica com a OPEP [Organização de Países Exportadores de Petróleo] e as petroleiras - colando a opinião pública contra os combustíveis fósseis.

No campo interno queria destruir a organização sindical dos trabalhadores da mineração que ameaçavam seu governo. Não poderia existir sindicatos dos mineradores sem minas para trabalhar. Não tem nada de ambiental!

Com sua “Mentira Conveniente” - Al Gore ganhou um prêmio Nobel. Os dados usados para a trama do documentário premiado eram falsos. Atravessando a BR 349 entre Correntina e Bom Jesus da Lapa (BA) - sentido litoral, vemos do lado esquerdo o verde exuberante das plantações de frutas das grandes agropecuárias e do lado direito a seca brutal do semiárido - o milagre da irrigação com as águas do Rio Correntes não é para todos.

A dimensão do Clima destes trabalhadores em atividades nas lavouras de fruta durante o dia é uma. À noite, quando voltam para suas casas, lado direito, e enfrentam a seca e seus azares - a dimensão será outra. No Cerrado Goiano - mais rios desaparecem a cada ano! A rígida advertência do antropólogo e ambientalista Altair Sales (2014) [\[veja\]](#) nos traz uma dimensão da escala dos pequenos cursos d'água que deixam de ser perenes a cada período de seca.

Em alguns assentamentos para a reforma agrária os camponeses ficam anos e anos no labor de buscar água nas costas (em baldes) - estamos falando do Cerrado no Centro do Brasil. Os poços rasos não dão água - pura rocha!

A energia elétrica demora a chegar, impedindo a perfuração de poços semiartesianos que, na seca, são a única alternativa. Em Sierra Maestra - Cuba - não falta água e a questão da energia foi resolvida com os painéis solares! No momento que escrevia esse texto - meu pequeno filho chegou. Trazia seu novo brinquedo - um dinossauro Verde (Stegosaurus, segundo ele). Colocou-o sobre o livro de capa verde de Orlando Valverde (Geografia Agrária do Brasil) - me disse que aquele dinossauro estava camuflado. Perguntei ao pequeno Heitor - o que é Mudança Climática Global - ele respondeu: Camuflagem....

Perguntei pela segunda vez e a resposta foi a mesma e então, ele falou ao meu ouvido, “sou cientista” neste instante entendi que para ele camuflagem é igual à Mudança Climática Global, dinossauro era outra questão!

Enquanto os Estados/empresas disfarçam suas preocupações e escalas das mudanças climáticas globais - escondemos/camuflamos a miséria da fome e da degradação no contexto do indivíduo. ■■■

Citação: Souza, ML. *Ambientes e Territórios: uma introdução à Ecologia Política*. RJ: Bertrant Brasil, 2019.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.